

ENCANTOS E ENCONTROS DA BIBLIOTERAPIA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

BIBLIOTHERAPY CHARMS AND MEETINGS FOR PEOPLE WITH VISUAL IMPAIRMENTS

Marilia Mesquita Guedes Pereira¹

Danielle da Silva Pinheiro Wellichan²

RESUMO

A leitura possui um vasto significado na vida do ser humano, independentemente do ambiente ou da forma como aconteça. Especialmente por meio da Biblioterapia, ela pode representar grandes transformações e, para as pessoas com deficiência visual (de forma congênita ou adquirida), pode oferecer oportunidades de identidade, integração e expressão, despertando possibilidades importantes que podem ser trabalhadas e incluídas por bibliotecários em seu ambiente informacional. Com o objetivo de descrever sobre a prática e essas possibilidades, efetivou-se uma breve revisão de literatura, somada à descrição de duas sessões de Biblioterapia realizadas na biblioteca de um instituto especializado mediado por uma Bibliotecária, na Paraíba, em João Pessoa. Assim, foi possível identificar como a leitura auxilia a pessoa com deficiência visual a desvendar, recordar e se encantar com um mundo cheio de descobertas, imaginação e diversão, mesmo de forma diferente. Resultados apontam inúmeros benefícios e demonstram o quanto a Biblioterapia favorece a inclusão das pessoas com deficiência visual nas sessões desenvolvidas nas bibliotecas e amplia os horizontes profissionais do bibliotecário em relação aos seus usuários.

Palavras-chave: biblioterapia; pessoas com deficiência; usuário da informação; cegos.

ABSTRACT

Reading has a vast meaning in human life, regardless of the environment or the way it happens. Especially through Bibliotherapy, it can represent great transformations and, for people with visual impairment (congenital or acquired), it can offer opportunities for identity, integration and expression, awakening important possibilities that can be worked on and included by librarians in their informational environment. In order to describe the practice and these possibilities, a brief literature review was carried out, together with the description of two Bibliotherapy sessions held in the library of a specialized institute mediated by a Librarian, in Paraíba, João Pessoa. Thus, it was possible to identify how reading helps the visually impaired person to unravel, remember and be enchanted by a world full of discoveries, imagination and fun, even in a different way. Results point out numerous benefits and

1 Bibliotecária e Mestre em Biblioteconomia com especialização em Bibliotecas Públicas, com trabalho pioneiro no Brasil em Biblioterapia. Autora de livros e artigos sobre a Biblioterapia. Voluntária no Instituto de Cegos da Paraíba. E-mail: marilliagp@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2498-1021>.

2 Bibliotecária e Pedagoga Especialista, Mestre em Ciência da Informação (UNESP/Marília) e Doutoranda em Educação, na linha de Educação Especial (UNESP/Marília). Membro do Grupo de Pesquisa DeFSen - Deficiências Físicas e Sensoriais (UNESP/ Marília). E-mail: dany_unesp@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6978-7361>.

demonstrate how bibliotherapy favors the inclusion of people with visual impairments in the sessions developed in libraries and expands the librarian's professional horizons in relation to their users.

Keywords: bibliotherapy; disabled people; information user; blind.

Submissão em: 4 nov. 2021

Aprovado em: 28 dez. 2021

1 INTRODUÇÃO

A leitura apresenta um universo de possibilidades para quem lê e para quem ouve. Com seu poder de transformação – por meio de suportes tradicionais como o livro, ou em equipamentos de última geração, de forma individual ou em conjunto, por lazer ou até por motivos condicionados a resultados –, a leitura modifica e transforma as pessoas. Para bebês crianças, adolescentes, adultos ou idosos, com ou sem deficiência, favorecidos ou não, brancos, pardos ou negros, não há público definido para o ato de ler ou para ouvir. É para todos!

De forma interdisciplinar, na escola, ela busca desenvolver-se em um espaço dinâmico de promoção e socialização do saber. O trabalho com textos de gêneros variados reintroduz à leitura o lado do prazer, que é definido pelos atrativos do lúdico, da recreação e da fantasia. Não se deve pensar em obrigação diante dela, pois isso possibilita à criança e ao adolescente vencer as etapas de desenvolvimento de maneira menos conflituosa e encontrar, nela mesma, respostas para questões vivenciais, por meio da identificação com os personagens e situações vivenciadas. Por meio da leitura, pode-se aumentar o domínio linguístico, a capacidade intelectual, a compreensão do fictício e mergulhar na fantasia que propicia a vazão às próprias emoções.

Pode também ser um refúgio, trazer momentos de calma e reflexão, informação ou ser motivo para cultivar doces aconchegos entre gerações. E não é só entre paredes que ela acontece, pode ser na rua, no ônibus, no metrô, na sala de espera de uma consulta, em projetos culturais... onde há vida, há leitura, independente dos meios e das formas que ela aconteça.

A Biblioterapia surge nesse ambiente democrático da leitura e apresenta-se, desde o século passado, como uma prática utilizada em hospitais, asilos, escolas, instituições especializadas em deficiência e em todos os lugares cujo objetivo seja propiciar efeitos terapêuticos por meio do ato de ler.

Ao adentrar no mundo da leitura, o leitor ou o ouvinte torna-se parte do contexto e, por meio dela, pode experimentar sentimentos, rever situações ou

identificar-se de forma prazerosa. E por representar tantas possibilidades, permite que a pessoa com deficiência visual (DV) possa vivenciar novas experiências.

A Biblioterapia para pessoas com deficiência é uma realidade que pode ser acompanhada em projetos, programas e ações bibliotecárias em diversas partes do mundo e pode ser praticada em todos os tipos de bibliotecas, tendo o bibliotecário como Biblioterapeuta, Bibliotecário Contador ou Conselheiro.

O texto a seguir apresenta duas sessões com relatos de uma Bibliotecária Contadora em uma instituição especializada em DV, com o objetivo de apresentar a Biblioterapia enquanto prática em bibliotecas e instituições especializadas para pessoas com deficiência. Buscou-se aporte teórico em autores nacionais e internacionais que abordam o assunto e suas práticas, sem recortes temporais devido à necessidade de resgate histórico sobre a temática.

Assim, almejou-se trazer a reflexão a respeito de uma ação que pode ser realizada em bibliotecas, incentivando a leitura, proporcionando momentos terapêuticos, de debates para os profissionais e que pode ser considerada uma prática inclusiva que abraça todos os usuários de biblioteca, sem distinção.

2 A BIBLIOTERAPIA EM QUESTÃO

O Manifesto das Bibliotecas Públicas, idealizado pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), atribuiu às bibliotecas o papel de uma participação ativa na sociedade e na construção de uma democracia alicerçada na educação, no conhecimento, pensamento, cultura e informação (IFLA, 1994).

Na biblioteca infantil, escolar, universitária, pública, comunitária ou especializada, o manifesto é um guia direcionador para que outras se desenvolvam. E neste contexto de ações, produtos e serviços, a Biblioterapia tem sido cada vez mais presente nas práticas bibliotecárias e tem se estendido para outras profissões, como a Psicologia, a Educação e áreas da saúde, como uma forma de leitura terapêutica.

A leitura terapêutica permite trabalhar as emoções, seja pelo excitação ou pelo alívio delas, em um efeito quase sedativo, em alguns casos, até curativo (CALDIN, 2001), além de poder modificar de forma positiva, atitudes e comportamentos de pacientes (VALENCIA; MAGALHÃES, 2015). No entanto,

ressalta-se que não se trata de uma substituição aos métodos tradicionais e oficiais de medicação e tratamentos existentes, mas de um aliado que, somado aos outros, se torna um tratamento para a essência do indivíduo. Enfim, um tratamento para a saúde mental do indivíduo.

O livro pode ser em si mesmo, um grande terapeuta (HORNE, 1975 *apud* PEREIRA, 1989, 1996), ou servir como uma ferramenta valiosa e poderosa para a comunicação quando prescrito cuidadosamente para indivíduos que estão vulneráveis. E para algumas vulnerabilidades, a biblioterapia pode utilizar a “[...] palavra a serviço do cuidado.”, conforme citado por Seixas (2020, p. 243).

A leitura reflete as experiências humanas de todas as épocas e lugares, portanto, dá acesso aos registros de vidas, atitudes e sentimentos. Por outro lado, vários mecanismos são postos em funcionamento quando existe uma interação entre um leitor e um livro, favorecendo a identificação com um personagem ou relembrando experiências específicas, além de ser capaz de purificar-se de sentimentos ou pensamentos reprimidos.

O leitor também pode vivenciar a leitura e tornar-se capaz de recuar e aceitar a realidade mais prontamente, sem medos e aflições, ao aprender que um problema não é único e pode ser passageiro. O leitor pode conseguir um sentimento de universalidade, com a percepção de que não está sozinho com seus problemas no mundo e de que pode também ajudar a si e aos outros a reduzir os sentimentos de inferioridade porventura existentes.

Constata-se que a leitura tem vantagem sobre a comunicação humana direta, porque não é tão intensiva como a palavra falada. Um livro é muito menos ameaçador, muito menos exigente, e ainda assim pode oferecer muito no sentido de comunicar situações humanas e permitir ao leitor aplicá-las à própria realidade (PEREIRA, 1989).

Face às ponderações arroladas, a Biblioterapia também pode ser utilizada na aquisição de informação e conhecimento sobre o comportamento e o autoconhecimento humano. A leitura pode contribuir para capacitar o indivíduo a viver o tema “conhece-te a ti mesmo” e pode ser aconselhada para extroverter o paciente, aumentar seu interesse por algo fora de si próprio, além de despertar o interesse por outras realidades (JONES, 2001; PEREIRA, 1989).

No desenvolvimento pessoal, ou como uma contribuição para os processos clínicos (MARCINKO, 1989), a Biblioterapia pode promover a autoafirmação ou a

reabilitação e nesse contexto, os textos literários são os mais indicados e os melhores resultados estariam nos trabalhos realizados em grupo, que permitem o compartilhamento de reflexões e debates (CALDIN, 2009).

Diferentemente da psicoterapia (encontro do paciente e o terapeuta), a Biblioterapia configura-se no encontro entre o ouvinte e o leitor, atribuindo ao texto o papel do terapeuta (CALDIN, 2001) e ao indivíduo, o despertar de reações importantes, como:

[...] proporcionar a catarse; favorecer a identificação com as personagens; possibilitar a introjeção e a projeção; conduzir ao riso; aliviar as tensões diárias; diminuir o stress; facilitar a socialização; estimular a criatividade; diminuir a timidez; ajudar no usufruto da experiência vicária; criar um universo independente da vida cotidiana; experimentar sentimentos e emoções em segurança; auxiliar a lidar com sentimentos como a raiva ou a frustração; mostrar que os problemas são universais e é preciso aprender a lidar com eles; facilitar a comunicação; auxiliar na adaptação à vida hospitalar, escolar, prisional, etc.; desenvolver a maturidade; manter a saúde mental; conhecer melhor a si mesmo; entender (e tolerar) as reações dos outros; verbalizar e exteriorizar os problemas; afastar a sensação de isolamento; estimular novos interesses; provocar a liberação dos processos inconscientes; clarificar as dificuldades individuais; aumentar a autoestima (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p. 402).

Pode ser considerada uma filosofia sobre a leitura, na qual o homem constrói sua relação com o livro (OUAKNIN, 1996). E conforme citado por Lucas, Caldin e Silva (2006), apresenta-se como uma ampliação dos campos de atuação do bibliotecário, o que reafirma seu caráter social ao fomentar a leitura e aplicá-la de forma terapêutica.

O fato é que: a prática (ASSIS; SANTOS; JESUS, 2019), a terapia (MATTEWS; LONSDALE, 1992), um processo interativo (FERREIRA, 2003), o método (CALDIN, 2001), uma alternativa complementar (GUSMÃO; SOUZA, 2020), um programa de aplicação (LEITE; CALDIN, 2017) ou uma técnica (ORSINI, 1982) da Biblioterapia percorreu o mundo sob diversos argumentos, porém, no Brasil ainda busca o amadurecimento e pode ser realizada em áreas diversas, como afirmado no início deste texto.

Foi durante o século XX que “[...] muitos pensadores confirmaram a existência de uma relação entre a literatura e a psique humana.” (CALIXTO; BELMINO, 2013, p. 21) e, embora defendidos desde a Idade Média como uma espécie de remédio para a alma, os livros só foram envolvidos em práticas terapêuticas posteriormente, na América do Norte, quando começaram ações que relacionavam o livro, a biblioteca e a função terapêutica (PEREIRA, 1989).

Realizada de forma solitária ou em grupo, a leitura possui mais do que presença no cotidiano da humanidade, como citado anteriormente. Em virtude da invenção da imprensa, da democratização do livro e do acesso ao saber, que representaram mudanças significativas nessa área, não tardou para que o livro deixasse de ser objeto restrito e de poder, para tornar-se acessível para todos que quisessem ler e aprender (SILVA, 2014).

As leituras começaram a ser selecionadas e prescritas por médicos americanos para pacientes hospitalizados, e, em 1904, a Biblioterapia começou a ser considerada pela Biblioteconomia, quando as experiências desenvolvidas em uma biblioteca de um hospital, em Massachusetts (EUA), começaram a alcançar repercussões. No ano seguinte, o termo Biblioterapia surgiu com definição em dicionários médicos, como uma arte para curar enfermidades por meio da leitura (PEREIRA, 1989; BUONOCUORE, 1976 *apud* PEREIRA, 1996, p.47).

Embora existam diferentes conceitos para a Biblioterapia, autores com estudos reconhecidos na área (Figura 1) ressaltam de forma unânime o poder terapêutico que tanto a leitura quanto o livro possuem, ao despertar a vontade de fazer parte ou se reconhecer naquilo que está sendo lido.

Figura 1 - Autores e conceitos para a Biblioterapia

Orsini	É uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais. Classifica os objetivos como sendo de: nível intelectual, nível social, nível emocional e nível comportamental.	Assim, a biblioterapia tem como objetivos: auxiliar o autoconhecimento pela reflexão, reforçar padrões sociais desejáveis, proporcionar desenvolvimento emocional pelas experiências vicárias e auxiliar na mudança de comportamento.
Mattews e Lonsdale	Constitui-se em uma terapia de leitura imaginativa, que compreende a identificação com uma personagem, a projeção, a introspecção e a catarse.	Distinguiram três tipos a terapia de leitura: a de crescimento, a factual e a imaginativa. Assim, os objetivos são: divertir e educar (crescimento), informar e preparar o paciente para o tratamento hospitalar (factual) explorar os sentimentos e tratar os problemas emocionais (imaginativa).
Caldin	É a leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios.	Proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e quiçá físicos; oferecer moderação das emoções às crianças.

Autor	Conceito	Objetivo
Alice Bryan	É a prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental.	Permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para seu problema; auxiliar o leitor a pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias para a solução dos problemas, e, encorajar o leitor a encarar sua situação de forma realista de forma a conduzir à ação.
L. H. Twelfortf	É um método subsidiário da psicoterapia; um auxílio no tratamento que através da leitura, busca a aquisição de um conhecimento melhor de si mesmo e das reações dos outros, resultando em um melhor ajustamento à vida.	Fazer a introspecção para o crescimento emocional; melhorar o entendimento das emoções; verbalizar e exteriorizar os problemas; ver objetivamente os problemas, afastar a sensação de isolamento; verificar falhas alheias semelhantes às suas; aferir valores; realizar movimentos criativos e estimular novos interesses.]
Kenneth Appel.	É o uso de livros, artigos e panfletos como coadjuvantes no tratamento psiquiátrico.	Adquirir informação sobre a psicologia e a fisiologia do comportamento humano; capacitar o indivíduo a se conhecer melhor; criar interesse em algo exterior ao indivíduo; proporcionar a familiarização com a realidade externa; provocar a liberação dos processos inconscientes; oferecer a oportunidade de identificação e compensação; clarificar as dificuldades individuais; realizar as experiências do outro para obter a cura e auxiliar o indivíduo a viver mais efetivamente.
Louise Rosenblatt	É uma ajuda para o ajustamento social e pessoal; a literatura imaginativa é útil para ajustar o indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos como em conflitos com outros. Como o pensamento e sentimento estão interligados, o processo de pensamento reflexivo estimulado pela leitura é um prelúdio para a ação.	Divide os objetivos em de cura e de prevenção. Objetivos de cura: aumentar a sensibilidade social; ajudar o indivíduo a se libertar dos medos e das obsessões de culpa; proporcionar a sublimação por meio da catarse, e, levar o ser humano a um entendimento de suas reações emocionais. Objetivos de prevenção: prevenir o crescimento de tendências neuróticas e, conduzir a uma melhor administração dos conflitos.

Fonte: Pinheiro e Ramires (2020, p.156).

Seja na mediação de uma sessão, na disponibilização de materiais ou no auxílio de profissionais para realizar a Biblioterapia, a escolha do livro ou da história utilizada representa um momento de cuidado e delicadeza, pois exige conhecer o perfil dos participantes e, a partir daí, apresentar algo conforme a realidade exigir (PINHEIRO; RAMIRES, 2020).

E para conhecer as necessidades de cada grupo, torna-se fundamental o entendimento a respeito da situação do paciente/leitor/grupo/usuário (a terminologia vai variar de acordo com o público-alvo e a mediação), além da compreensão do conteúdo e da relação do assunto abordado, como a escolha do local “[...] a formação de grupos para leitura e discussão de temas; e a preparação de listas de material bibliográfico e de outra natureza, de acordo com as necessidades de cada grupo.” (LEITE, 2009, p. 33).

A Biblioterapia está relativamente presente nas práticas bibliotecárias, mas ainda é ausente em sua formação, como destacou Pinheiro e Ramires (2020, p.164), ao realizar um estudo com 36 universidades brasileiras (públicas e privadas), que

oferecem o curso de Biblioteconomia. Das universidades envolvidas, “[...] apenas uma das instituições, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), implantou em sua grade curricular a disciplina de Biblioterapia, como optativa [...]” e estendeu a disciplina para todos os estudantes de graduação da instituição. Por ter um caráter mais humano e social, percebeu-se um grande interesse por parte dos alunos ao “[...] sair um pouco da parte técnica da Biblioteconomia.” (SOUSA, 2018, p. 350).

Tal fato chama a atenção e evidencia a importância em acompanhar as demandas por disciplinas mais humanistas nas universidades, pois apontam necessidades a serem incorporadas ainda nas formações, o que contribuiria para atuações mais sensíveis às carências da comunidade, em geral.

Ao formar um profissional mais crítico e atento às questões relativas ao indivíduo e a sociedade, as práticas profissionais podem ser mais assertivas diante da comunidade na qual estiver inserido, conforme descrito por Pizarro (2017, p. 232), “A prevalência de um modelo tecnicista importado da escola estadunidense, ainda se faz presente até os dias atuais e compromete sua capacidade política de dialogar com humanidade entre sujeitos que dividem o mesmo espaço.”.

Esse caráter tecnicista da profissão vem de longa data e, não raramente, pode na prática, influenciar na relação bibliotecário/usuário. Mesmo com disciplinas sobre Mediação ou Estudo de Usuários, presentes na maioria dos cursos de Biblioteconomia, estar mais próximo de disciplinas das Ciências Humanas pode ampliar o olhar do profissional em sociedade e todos os contextos que o envolvem.

E no mesmo espaço, entre a técnica e os bibliotecários, estão as pessoas com deficiência, que, dentro de suas particularidades individuais, exigem um olhar diferenciado no ambiente informacional, que deve ser democrático e acessível, não só em termos de tecnologia como também em produtos, serviços e atendimento.

3 A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E A LEITURA

Em termos estatísticos, quando o assunto é deficiência, calcula-se que há 285 milhões de pessoas com DV (cegueira ou baixa visão) no mundo (PASCOLINI; MARIOTTI, 2012). No Brasil, a deficiência mais numerosa é a visual, com aproximadamente, 35 milhões de pessoas com dificuldades para enxergar (IBGE, 2010).

De forma congênita ou adquirida, a DV requer adaptações em ambientes, nos materiais, nas relações humanas e no próprio sujeito, que pode enfrentar problemas

psicológicos e sociais, criados diretamente ou indiretamente por fatores relacionados desde a ausência da visão até a convivência social.

Roberts (1996) descreveu que os cegos³ se dividem em dois grupos: adventiciamento cego, aplicado a pessoas que perderam a visão após os cinco anos de idade e que têm gravado em sua mente várias imagens visuais; e os congenitalmente cegos, aplicado a pessoas que ficaram cegas antes dos cinco anos ou nasceram cegas e não têm imagens visuais gravadas na mente. Diante disso, percebem-se dois casos diferentes na mesma tipologia da DV, por isso, dois caminhos diferentes foram seguidos: um conhece, possui lembranças; o outro desconhece, embora possua tantas informações que não raramente se sente como se conhecesse.

Essa variedade dentro das deficiências confirma a ideia de que produtos e serviços precisam ser pensados de forma individual, mesmo dentro do mesmo grupo, ou seja, sem generalização e com foco em cada situação para ser realmente assertivo. O mesmo se aplica à sessão da Biblioterapia.

Assim como em outras deficiências, barreiras se erguem entre o indivíduo e o meio e para que possa ter sua independência e autonomia, a pessoa com deficiência precisa aprender a desenvolver suas habilidades, elaborar suas estratégias e conquistar sua mobilidade, conforme suas limitações reais. Há ainda, o choque emocional que pode ser sentido e seguido pela depressão, muito presente na literatura que se refere aos casos da DV, como apontado por Roberts (1996). Algumas situações se assemelham a um “golpe ao sistema psíquico”, marcado por etapas que envolvem luto, estresse, negação, anestesia emocional, até chegar à fase da aceitação e prosseguir para o aprendizado de técnicas de adaptação.

E se as emoções sentidas no ato da leitura podem transformar o indivíduo, fazendo-os pensar em coisas mais produtivas e verem o mundo de uma maneira diferente, podem também transformar seu jeito de pensar e agir diante das adversidades da vida. Quanto mais energia mental for utilizada ao aventurar-se na leitura (seja em um mistério, um assassinato ou no despertar de sentimentos variados, como amor, raiva ou empatia), menos disponível ele estará para alimentar a depressão.

Em tempos em que a inclusão social busca se efetivar na sociedade, a Biblioterapia tem sido utilizada também em grupos de leitura para pessoas com

3 Termo utilizado pelo autor citado.

deficiência, com propósitos variados, como os descritos por Lucas, Caldin e Silva (2006), citados neste texto.

Terapias e atividades adaptadas para sua nova condição auxiliam nesse processo de (re) descoberta para envolver a mente com assuntos que desviem da própria realidade. E nesse caminho, os equipamentos e recursos da Tecnologia Assistiva surgem como facilitadores importantes (BRASIL, 2007).

Conforme Barqueiro e Barqueiro (2010), os recursos de Tecnologia Assistiva para DV podem ser encontrados em áreas relacionadas à vida diária, como objetos adaptados, relógios, agulhas luminárias, teclados ampliados; para sua mobilidade, como detector de obstáculos, sistemas GPS, bússolas com áudio, bengalas, cão-guia; para o auxílio pedagógico, com uso de figuras e mapas em relevos, livros falados ou digitais acessíveis, pranchas de leitura e livros em *Braille*, auxílio óptico, com óculos especiais, telelupas ou lupas; auxílio eletrônico e recursos de informática, como sintetizador de voz, leitores de tela, impressoras e máquinas da linha *Braille*, *software* e *displays* entre outros.

Além desses recursos, há projetos e programas desenvolvidos e conduzidos por instituições especializadas, que oferecem produtos e serviços para propiciar às pessoas com deficiência as condições de socialização, educação e saúde. Um desses programas foi elaborado por Pereira (1989) em sua dissertação de mestrado, cujo tema foi “A Biblioterapia em Instituições Visuais: um estudo de caso”.

Embora se constituísse como um estudo de caso, houve necessidade de se proceder a uma análise crítica e retrospectiva da Biblioterapia, desde os seus primórdios até o estado atual. Partiu-se de dados relatados na bibliografia de que a Biblioterapia é importante, tanto para o aumento da informação do cego como por se constituir num elemento motivador de sua vivência e de seu ajustamento social por meio desse processo de leitura orientada.

Para o estudo, duas instituições foram consideradas: A Sociedade dos Cegos da Paraíba (SOCEP) e a Associação para Cegos da Paraíba (APACE). Escolheu-se um corpus constituído por 11 sujeitos que estavam ficando cegos, em um estudo realizado por meio do uso de questionário (pré e pós-teste) e leitura sobre temas considerados de interesse para pessoas com DV. Embora se tenha analisado um *corpus* relativamente reduzido, pode-se concluir que a Biblioterapia, instituída experimentalmente, resultou em uma tendência para a melhoria das condições

motivacionais e de aprendizagem das pessoas participantes que estavam ficando cegas (PEREIRA, 1989).

Tal estudo e experiência serviu como base para uma iniciativa voluntária realizada em uma instituição especializada na Paraíba e que foi relatada a seguir.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA: Instituto dos Cegos da Paraíba “Adalgisa Cunha”

O Instituto dos Cegos da Paraíba, em João Pessoa, foi fundado em 1944, por Adalgisa Duarte da Cunha, mas somente na década de 1960 teve o nome de sua fundadora incorporado ao seu nome, como Instituto dos Cegos da Paraíba “Adalgisa Cunha” (ICPAC). A intenção era oferecer acesso à Educação para as pessoas com DV, evitando que vivessem em estado de mendicância e discriminação.

Com professores vindos de outros estados, devido à carência de profissionais qualificados na época, as pessoas com DV começaram a se familiarizar com o *Braille*, aprendiam sobre a gramática da língua portuguesa, além da matemática e da música.

Por meio da educação e de campanhas conscientizadoras a respeito da DV, crianças, jovens, adultos e idosos conseguiram desenvolver e prosseguir nos estudos.

Em 2009, o ICPAC inaugurou sua estação digital, com computadores adaptados com *softwares* especializados na conversão de textos em áudio. Posteriormente, foram estabelecidas parcerias que possibilitaram ampliações dos serviços de saúde oferecidos, ampliando, conseqüentemente, os atendimentos, passando a oferecer atividades de estimulação precoce e visual, terapias e reabilitação para pessoas com deficiência intelectual, transtornos, paralisias e síndromes.

Após o contato inicial em 2002, o projeto de pesquisa de Pereira (1989) foi aprovado pela Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários da Universidade Federal da Paraíba, sendo iniciada a proposta “A Biblioterapia e Leitura Crítica para a Formação da Cidadania”, com os alunos do ICPAC.

A cada semestre, a pesquisa é apresentada para o Coordenador de Apoio Pedagógico do ICPAC junto à Coordenadora da Pesquisa. As turmas são compostas por crianças, jovens e adultos, compreendendo a turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em horários definidos e com apresentação de relatórios mensais que registram as atividades desenvolvidas.

O plano de trabalho é realizado de acordo com as diretrizes da Secretaria de Educação de Cultura e do próprio Instituto dos Cegos da Paraíba “Adalgisa Cunha” (ICPAC), cujas metas são estabelecidas com base em textos com a temática da sustentabilidade, adotando o compromisso da Agenda 2030⁴ e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), aprovados pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em setembro de 2015.

4.1 Um Programa de leitura orientada

Independentemente da nomenclatura que leva, a sessão de Biblioterapia⁵ no ICPAC acontece de forma direta com as pessoas que estão ficando cegas, que também orienta sobre materiais específicos para dar assistência necessária ao indivíduo. Para que isso aconteça, algumas iniciativas são importantes, como: realizar um pré-atendimento de natureza psicológica para identificar aqueles que estão em fase de perda da visão, sensibilidade e conhecimentos específicos para trabalhar com pessoas com deficiência em diferentes idades; ter habilidades para formular hipóteses a respeito do material selecionado e o possível impacto na solução positiva do aluno/usuário. O conselheiro deve ter competência junto com a equipe interdisciplinar para escolher o livro ou livros adequados; ler o livro antes de prescrevê-lo, para que o programa de leitura orientada seja um sucesso. Importante lembrar que, na escolha de livros de interesse das pessoas que estejam ficando cegas, se pode escolher livros e/ou textos de assuntos que não sejam relacionados à cegueira (BOWMAN, 1997).

O interesse do leitor/ouvinte deve ser conhecido e, se possível, atendido. É necessário que os envolvidos sejam ouvidos, portanto, é preciso estudar e conhecer o público a ser trabalhado. Por isso, o material selecionado para ser trabalhado na sessão deve ser cuidadosamente analisado para que o profissional possa planejar e avaliar o que será realizado.

Conforme Roberts (1996, p. 85) descreveu,

[...] o leitor que está ficando cego poderá se acalmar ao saber que outra pessoa também se sentiu isolada, inútil e desinteressada pelos entes queridos, durante o princípio de ajustamento. E um autor-leitor/ poderá formular os sentimentos não verbalizados do cliente com relação à cegueira frases agudas e concisas, como quando um recém – cego expressou seus

4 A Agenda 2030 defendida pela ONU integra 17 objetivos de desenvolvimento sustentável e, nesse contexto, as bibliotecas precisam se desvencilhar de antigos preconceitos e contribuir para o cumprimento de metas que visem à inclusão, à erradicação da pobreza e ofereça melhorias na saúde, educação e meio ambiente (IFLA, 2016).

5 Aqui a sessão foi chamada de Programa de Leitura Orientada, pois atende melhor a proposta realizada.

sentimentos ao conselheiro dizendo: Esta cegueira me faz sentir como se eu estivesse de volta a 1ª infância.

As histórias trabalhadas, podem relacionar o leitor/ouvinte à sua história, um momento ou uma situação vivenciada pelo protagonista. Por causa dessa possível identificação, surge a oportunidade para a Biblioterapia apresentar um universo de possibilidades a serem vivenciadas pela pessoa com DV.

Por conseguinte, as pessoas que estão ficando cegas podem se sentir incentivadas a falar de suas experiências para lidar com seus medos, receios, desejos, desvendar a natureza, os sons, descobrir formas de enxergar, mesmo que não seja com uso da visão. E, por ser uma prática tão enriquecida pela imaginação e suas reflexões, se estende a todas as pessoas, classes e gêneros, conforme enfatizou Pinto (2005, p. 41):

[...] um programa de Biblioterapia deve ser construído em função de seus interesses e das circunstâncias concretas que cada participante vivencia. Esclareço, porém: a concretização de um programa de Biblioterapia demanda espaço apropriado, que possa contribuir para que o leitor se expresse por gestos e palavras, e onde o Biblioterapeuta possa interagir com ele, encorajando-o em suas expressões a fim de que possa encontrar respostas para seus conflitos.

Pela natureza do trabalho, é necessário estabelecer parceria com profissionais da Psicologia, o que enriquece a prática, pois o profissional especializado possui recursos infinitos de observação e análise aplicáveis ao contexto da bibliotecária. Por isso, não raramente, em instituições especializadas, bibliotecários, psicólogos, educadores, professores de arte, de música e terapeutas devem trabalhar de forma colaborativa para o êxito da sessão.

Para o enriquecimento das sessões, foram utilizados trabalhos de profissionais apresentados por Pereira (1996), como Kinney (1962 *apud* PEREIRA, 1996), especialista em Biblioteconomia institucional, que identificou a estabilidade emocional, bem-estar físico, qualidades especiais, caráter e personalidade como elementos necessários para o biblioterapeuta. O profissional pode considerar-se bem-sucedido quando entender a meta desejada em cada ocasião, aceitar a responsabilidade pela ação tomada e ser capaz de assumir autoridade, quando for necessário. A autora enfatiza que é imperativo reconhecer e controlar preconceitos pessoais, ser receptivo à nova aprendizagem, dirigir e canalizar sentimentos pessoais, de maneira a não impedir sua ajuda a outros.

A compreensão em falar e ouvir/escutar é de importância primordial para alguém submetido a essa modalidade da Biblioteconomia, entre outras características citadas na obra. Uma década mais tarde, a autora reafirmou a lista de critérios bastante significativa, e acrescentou a disposição para reconhecer infortúnios de outros e habilidade em oferecer ajuda, um bom ajustamento psicológico, além da habilidade em cooperar com outros profissionais, sendo o biblioterapeuta considerado também como um instrutor da saúde mental (PEREIRA, 1996).

Diante do exposto, pensar em uma sessão de Biblioterapia na prática é no mínimo curiosa, já que envolve tantos fatores históricos e contextos para realização. Assim, aproveitando a experiência prática de uma Bibliotecária Contadora, a sessão foi descrita e compartilhada a seguir.

4.2 Sessão de leitura 1 – Relato de uma Bibliotecária Contadora

Em uma das sessões de leitura, em 2019, a Biblioteca escolar do ICPAC apresentou, para uma turma de seis crianças, alguns livros infantis em Braille para que pudessem escolher o que mais fosse do seu interesse. O escolhido foi o livro infantil do escritor paraibano Jairo César, “ O menino que roubava Gaiolas”, um conto de fada contemporâneo. O livro é uma revisitação à obra “O Pequeno Príncipe”, clássico de Antoine de Saint-Exupéry, com uma roupagem regional. O livro de Jairo César descreve o trabalho infantil, o direito ao acesso à escola, à esperança e à liberdade, por meio da história de uma criança que cresce sem amor e sem direitos, mas nunca desiste de seus sonhos.

O livro não estava em *Braille* e não existia um vídeo, mas, como despertou o interesse dos participantes, a Coordenadora do Projeto e a bibliotecária local optaram, primeiramente, por descrever a biografia do autor e, em seguida, ler a história do livro (Figura 2).

Figura 2 – Livro escolhido pelos participantes



Fonte: Acervo das autoras.

O livro apresenta a história de um menino privado de muitas coisas, que não sabia ler, mas contava a história do livro “O Pequeno Príncipe” para os passarinhos do Seu Curió, baseado nas imagens do livro, conforme os trechos seguintes

Era uma vez, um menino que morava em uma pedra bem pequena. Na pedra tinha uns buracos que cuspiam fogo, um jardim com uma flor só, sozinha igual a mim e o menino do livro que cuidava dela. Num dia de Sol, ele voou pendurado por cordas presas nas patas dos passarinhos, como se fosse um balão de São João e caiu em outros mundos...

‘Epa! Hora de voltar para a barraca de peixe’, dizia sempre.

O Menino nunca tinha tempo de ir adiante. Os Passarinhos coitados ficavam todos cheios de curiosidade para saber o fim da história, que nunca acontecia.

- As figuras são legais, mas quem conta o fim das histórias mesmo são as letrinhas.

Pensava alto o Menino, no chão frio onde dormia.⁶

Um dia, o menino resolveu finalizar a história e libertou os passarinhos e a si mesmo daquela vida triste que levava. “[...] ele pensava alto: - Eu sou este passarinho [...]” (CÉZAR, 2018, p. 39). Ao término da leitura, foi perguntado se todos tinham gostado da história, se acharam triste ou detestável. Três gostaram, um disse que não e outros dois ficaram quietos.

Perguntou-se, então, à ouvinte que afirmou não ter gostado, o porquê de sua opinião, e ela contou a bibliotecária que ficou triste porque não queria que o passarinho da sua casa voasse, pois não poderiam mais escutá-lo cantar. E um dos ouvintes que havia gostado da história disse que no apartamento dele não tinha gaiolas com passarinhos e que deveriam viver soltos, porque assim ele voaria para onde quisesse, poderia tomar banho de rio, e contou que no sítio do avô havia passarinhos soltos. A bibliotecária completou a frase dele com a palavra “liberdade”, pois não se pode viver em gaiolas e se sentir aprisionado.

⁶ Trecho do livro “O menino que roubava gaiolas”, de Jairo Cézar, páginas 19-23.

Durante a atividade posterior, foi perguntado se alguns deles entendiam o que seria uma feira livre, e somente dois contaram que tinham visitado uma feira com suas mães, disse que a feira era na rua e não em supermercado. E todos aplaudiram a colega.

Em seguida, foi perguntado se alguém dali queria ser parecido com a madrasta do livro, e todos gritaram: “- Não! Porque ela era uma pessoa má e judiava o menino na história [...]”. As crianças riram com a palavra “judiava”, e lembraram que a madrasta não deixava o menino ir para a escola.

A bibliotecária interveio e explicou que nem todas as madrastas são más, que tinha uma prima cuja madrasta havia sido muito boa para ela. Nesse momento, houve emoção quando uma criança falou da mãe dela, que a amava e a colocava para dormir com uma historinha. Outras contaram sobre mimos, cuidados e abraços entre mães e filhos. Todos ficaram satisfeitos com os depoimentos, pois logo no início do ano trabalharam com o tema carinho, que deve ser expresso e cultivado entre as famílias.

No desenrolar da conversa, a palavra “Curió” chamou atenção dos ouvintes. Rindo, disseram que seria bom se os passarinhos do seu Curió fossem soltos, e nesse momento, um deles se levantou, abriu os braços e imitou o voo de um pássaro.

Perguntado se conheciam as palavras esperança, liberdade, alumbração, todos sorriram e repetiram imediatamente a palavra “alumbração”. E só uma criança disse que “[...] esperança é como sonhar, liberdade é a pessoa ser como passarinho [...] voar é alumbração [...]”, e deu aquela risada. A bibliotecária citou como exemplo a lua cheia que alumbra o céu. Ao finalizar, uma das crianças disse que estava contente porque os passarinhos estavam soltos e que voaram para bem longe, e rindo completou que nunca mais vão voltar para casa de seu Curió.

Foram mostradas fotos em relevo de um passarinho, de uma gaiola, de um peixe e de um gato. E uma das crianças questionou porque não tinha a de um cachorro, e prometeram levar um no dia seguinte. A sessão foi finalizada com a distribuição de chocolates e um aviãozinho de papel que acabaram jogando para cima e a Contadora gritou “- É preciso voar!”

4.3 Sessão de leitura 2 – Relato de uma Bibliotecária Contadora

Na última sessão de leitura realizada no ano de 2019, compareceram as seis crianças e mais duas adolescentes. A chegada da turma na biblioteca (Figura 3)

escolar do ICPAC é um momento de muita euforia quando todos procuram seus lugares, e os profissionais os deixam à vontade para que eles se sintam bem e vejam a hora do conto como um momento prazeroso. Convém salientar que é de praxe, a cada início das aulas, permitir dez minutos de bagunça e depois iniciar a sessão.

Figura 3 – Momentos de conversa, inclusão e amizade



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Talvez, lembrando da leitura da semana anterior, percebeu-se que estavam bastante eufóricos e recordavam do seu Curió e dos pássaros presos na gaiola, da madrasta malvada, do menino que foi embora com os pássaros em noite de lua.

Nessa sessão, tiveram também um pouquinho de adivinhação, de imitação de animais, bem como de gravação de vozes. Depois solicitou-se silêncio, contando de forma regressiva (de cinco a zero), e assim foram informados de que haveria uma história muito bonita em vídeo/áudio.

Como o assunto era liberdade, a história escolhida foi “A Menina e o Pássaro Encantado”, de Rubem Alves (2004) e a partir daí o autor foi apresentado pela bibliotecária. Foram orientados que todos escutassem o vídeo⁷ da contadora de história Célia Gomes e que todos ficassem em silêncio, pois era um encanto a historinha. Depois, conversariam. E realmente todos adoraram, pois havia muita magia e música, e foi possível perceber muita emoção nas expressões das crianças,

⁷ Celia Gomes narra “A Menina e o Pássaro Encantado”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jhcSMsiFUag>. Acesso em: 15 dez. 2021.

e a identificação com a trilha sonora da história, marcada pelo som da flauta (as crianças do ICPAC também aprendem flauta).

Após a contação da história, que satisfez a todos, uma das crianças pegou a flauta e tocou. A plateia ficou embevecida e em seguida, perguntou-se quem gostaria de recontar a história, e uma criança disse que o pássaro ia bem longe, que voava e que, quando chegava para ver a menina, estava com suas plumas brancas. A menina tinha saudade do pássaro. Então a bibliotecária questionou:

- Só a menina que tem saudade do pássaro” e todos responderam “- - - Não, o pássaro também tem!
- E, mais uma vez, questionei, recordando a aula anterior para eles entenderem a diferença dos pássaros.
- Gente, vocês lembram dos pássaros de seu Curió?
- Sim! eles responderam.
- Eles eram tristes e quando o menino soltou então eles voaram e foram bem para longe e nunca mais quiseram voltar.
- Aconteceu isso porquê?
- Porque eles viviam presos em uma gaiola.
- Qual a diferença do pássaro da menina?
- Uma criança gritou era “ encantado”. - E porque era encantado?
- Uma adolescente respondeu: - Ele era mágico... ia embora sumia e depois voltava. Vivia em liberdade...
- E perguntei... porque voltava? E achei lindo porque eles (crianças e adolescentes responderam: - Porque amavam a menina. E a menina amava o pássaro”, responderam.

Começou-se a conversar questionando se a menina e o pássaro encantado sentiam saudades um do outro e se eles sabiam o que é sentir saudades. E uma criança respondeu: “Sinto saudade da minha mãe quando vou para o sitio do meu avô.”. Então a bibliotecária questionou: “- E o que é saudade? “- É uma dorzinha que a gente sente do lado esquerdo do coração.”.

Ao final da sessão, foram distribuídos para as meninas laços e diademas para os cabelos, e para os meninos, fone para o ouvido.

4.4 Análises necessárias da Bibliotecária Contadora⁸

De acordo com a descrição das sessões, é possível constatar que a leitura comparativa dos dois textos citados indica que tanto o livro do autor paraibano Jairo César quanto o texto de Rubem Alves têm como tema a figura de um pássaro apresentado de maneiras diferentes. Realisticamente e heroicamente, no livro sobre “O Menino que roubava Gaiolas”, percebeu-se que, apesar de a criança ter crescido sem amor e sem direitos, nunca deixou de sonhar pela liberdade e ter se identificado

⁸ Nesse tópico, a escrita em alguns momentos estará na primeira pessoa, pois faz parte de um relato pessoal da profissional envolvida.

com os passarinhos de seu Curió, que viviam presos, sem nenhuma chance de liberdade⁹.

Já no texto “A menina e o pássaro encantado”, o pássaro amava ser livre, por isso era encantado e tratado pela menina como um símbolo máximo da natureza, da liberdade e da esperança. Era encantado porque sempre partia para longínquos lugares e voltava de livre e espontânea vontade, para contar histórias dos lugares descobertos.

A publicação do autor paraibano não estava em *Braille*, nem em áudio, por isso foi necessário fazer adaptações. Já o texto do Rubem Alves foi encontrado um áudio de contação da história que, na opinião da bibliotecária, facilitou uma interpretação mais rápida.

A liberdade cultivada tanto na história de Jairo Cezar quanto de Rubem Alves remete a uma viagem pela imaginação, onde barreiras ou limitações não existem.

De forma semelhante, a pessoa privada de visão em seu corpo físico pode vivenciar essa sensação ao participar de uma sessão de Biblioterapia, que se apresenta como uma possibilidade concreta de inclusão, independentemente do local onde aconteça. Com a mediação de um bibliotecário e com extensões para outras profissões, a leitura é cultivada e compartilhada de forma democrática.

Para as pessoas com deficiência, a experiência de desvendar (para aqueles que já nasceram privados da visão) ou para aqueles que precisam se lembrar (quando perderam a visão), a leitura apresenta momentos que alimentam o imaginário, a percepção e anseiam a liberdade.

As sessões citadas nos textos apresentam a liberdade além da forma poética, aquela que pertence ao infinito e que está além de muros, gaiolas ou limitações que o corpo apresenta. Sim, a leitura pode transportar para universos conhecidos ou não e transformar!

Parodiando Goethe (2000), os sentimentos e as emoções são as essências da alma, assim, as atitudes das crianças surgem a partir de estímulos emocionais e,

⁹ Segundo o escritor Jairo César, o livro foi inspirado na história de Arnaud, um morador de Bananeiras que criava passarinho. “Ele foi pego pelo IBAMA e multado. Depois desse episódio, ele mudou o que pensava sobre a criação de pássaros. Libertou todos os pássaros, inclusive aqueles que ele poderia criar legalmente. Ele passou a criar as gaiolas vazias. “Essa história sempre me intrigou e acabou inspirando esse título. Que nada mais é do que uma metáfora para a esperança”. Disponível em: <https://www.conexaoboasnoticias.com.br/jairo-cezar-lanca-seu-novo-livro-o-menino-que-roubava-gaiolas/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

embora nem sempre saibam se expressar, possuem os olhos “encantados”. Tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, os pulos do gafanhoto, uma pipa no céu, coisas que os eruditos não veem. O bibliotecário como biblioterapeuta e mediador da informação tem o objetivo de trazer o leitor/ouvinte à luz. Em outras palavras, mediar a informação da melhor maneira possível.

Durante as sessões realizadas e descritas, foram aplicados reforçadores sociais, como elogios, expressões faciais, um abraço, um sorriso (BENVENUTI; OLIVEIRA; LYLE, 2017), que apresentam importância vital nas sessões de leitura para acolher, alegrar, motivar e incluir. Estímulos às crianças são realizados como uma forma de reconhecimento e elogio, durante a sessão, na forma de expressões como “bom trabalho”, “continue sempre assim”, “parabéns pelo seu desempenho”.

As sessões trouxeram muita satisfação e entusiasmo com o desempenho maravilhoso das crianças e dos adolescentes. Eles adoram uma contação de histórias. Ressalta-se também que a experiência de um texto pode ocasionar uma aberração de emoção e alívio pelo reconhecimento de que outros têm problemas similares. Consegue-se trabalhar o comportamento humano, seus sentimentos, suas emoções, suas atitudes, melhorando as reações no dia a dia.

A partir das análises realizadas, concluiu-se que as emoções sentidas no ato da leitura podem transformar os seres humanos, fazendo-os pensar em coisas mais produtivas e verem o mundo de maneira diferente, transformando o jeito de pensar e agir diante das adversidades da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independentemente da forma como se define a Biblioterapia (técnica, prática, método) as sessões realizadas em grupo mostraram, de modo geral, um movimento bastante positivo com relação ao comportamento emocional e ao que se refere à aprendizagem das crianças e/ou jovens que participaram do programa de leitura no instituto.

Realizável com diversos grupos, como o texto apontou e com inúmeros pontos positivos, a Biblioterapia apresenta-se de grande valia também para as pessoas com DV, ao favorecer o imaginário, trabalhar o sentimento, a lembrança, a compreensão e a liberdade.

Embora ainda pouco desenvolvida no Brasil, reafirma-se como um ponto importante a ser considerado pelos cursos de Biblioteconomia, com a finalidade de

fornecer subsídios para atuações práticas nas bibliotecas de todas as tipologias. O bibliotecário como mediador, pode contribuir com indivíduos, grupos e comunidades, ampliando o acesso à informação e ao conhecimento.

O relato apresentado demonstra na prática a sessão e como o envolvimento do público e do mediador é importante no processo do despertar para o prazer que a leitura proporciona.

Torna-se oportuno reafirmar a importância dos estudos de autores americanos que orientam sobre o papel e atuação do bibliotecário como biblioterapeuta e/ou conselheiro, cuja função social é valorizar as pessoas como indivíduos e seres humanos, mostrando – lhes interesse e indicando como se sente fortemente motivado a ajudá-los, com compreensão e preocupação pelos sentimentos dos indivíduos. De fato, isso foi utilizado nas sessões de leitura com as crianças e/ou jovens e faz parte da Biblioterapia.

É possível e viável a participação da biblioteca escolar e pública em programas de Biblioterapia para pessoas com deficiência visual, contando com a ajuda e o reconhecimento de outros profissionais para o êxito das sessões utilizadas, comprovando o quanto a Biblioteconomia é parceira de outras áreas.

Recomendamos incluir nos currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia, a disciplina Biblioterapia para ampliar as possibilidades curriculares para que os estudantes ainda em formação possam conhecer e obter subsídios para a prática nas bibliotecas. Necessário se faz trabalhar as habilidades e competências profissionais ainda nos cursos de graduação, pois, na prática, os usuários apresentam grandes complexidades.

Construir essa relação desde o início da formação pode proporcionar mais proximidade entre bibliotecário e usuário da informação, além de ampliar os horizontes profissionais para ações mais humanísticas dentro das bibliotecas. Realizar, periodicamente, cursos de formação, extensões, projetos, eventos, formações em serviço, são opções bem-vindas que devem ser cultivadas, incentivadas e motivadas, sempre que possível, seja nas universidades, associações ou eventos em geral.

Quanto aos processos de seleção, planejamento, execução e avaliação das sessões, estes precisam ser realizados de forma constante, com seriedade e compromisso, para que se possa acertar diante da temática proposta os grupos envolvidos. Para isso, aliar-se com outros profissionais em um trabalho colaborativo

é algo que precisa ser valorizado e incentivado.

Entender e ver o mundo pela beleza das palavras pode despertar os leitores para o belo e propiciar condições para mudar, adaptar-se ou transformar-se, dentro de suas realidades.

Assim, torna-se evidente, que tal prática seja incluída como produto e como serviço em diversos segmentos. Nas bibliotecas ou institutos especializados, a mediação do bibliotecário permitirá novas oportunidades para vivenciar a leitura em um ambiente democrático e inclusivo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *As mais belas histórias de Rubem Alves*. Ilustrações de Aida Xavier. Portugal: ASA Editores, 2004.

ASSIS, Pamela Oliveira; SANTOS, Raquel do Rosário; JESUS, Ingrid Paixão. A biblioterapia como um campo de atuação para o bibliotecário: perspectivas dos discentes do curso de Biblioteca da UFBA. *Biblionline*, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 41-53, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/44808>. Acesso em: 13 dez. 2021.

BARQUEIRO, Rosângela R. M.; BARQUEIRO, Antônio Carlos. Inclusão da pessoa com DV no mercado de trabalho. In: SAMPAIO, Marcus Wilson *et al.* *Baixa visão e cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão*. Rio de Janeiro: Cultura Médica: Guanabara Koogan, 2010.

BENVENUTI, Marcelo Frota Lobato; OLIVEIRA, Thais Polan; LYLE, Leticia Albernaz Guimarães. Afeto e comportamento social no planejamento do ensino: a importância das consequências do comportamento. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 368-377, dez. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000300368. Acesso em: 11 ago. 2020.

BOWMAN, Garry. Biblioterapy: a technique for couseling blind people. *R. Bras. Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 26/28, 1995/1997. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/19273>. Acesso em: 15 dez. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas. *Ata da VII reunião*. Brasília, DF: Comitê de Ajudas Técnicas, 13-14 dez. 2007. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnx0ZWNUb2xvZ2lhYXNzaXN0aXZhY29tYnJ8Z3g6MTdiZWQyY2IzYTE3OWJmZg>. Acesso em: 15 dez. 2021.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. *Encontros Bibli*, Florianópolis, n.12, dez. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32>. Acesso em: 15 dez. 2021.

CALDIN, Clarice Fortkamp. *Leitura e terapia*. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92575/263775.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 dez. 2021.

CALIXTO, Anny Caroliny Leite; BELMINO, Marcus César de Borba. Biblioterapia: uma ferramenta para atuação do psicólogo hospitalar no atendimento à criança hospitalizada. *Biblionline*, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 19-33, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/12678>. Acesso em: 15 dez. 2021.

CÉZAR, Jairo. *O menino que roubava gaiolas*. Ilustrações de Américo Filho. João Pessoa: Parabooks, 2018.

FERREIRA, Danielle Tiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620>. Acesso em: 15 dez. 2021.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Trad. Erlon J. Paschoal. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

GUSMAO, Alexandre Oliveira de Meira; SOUZA, Elaine Gleice Jerônimo de. A Biblioterapia como ferramenta de restabelecimento emocional. *Investigación Bibliotecológica*, v. 34, n. 85, p. 33-59, oct./dic. 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2020000400033. Acesso em: 15 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. *Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas*. [Haia]: IFLA, 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-ptbrasil.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. *As Bibliotecas podem promover a implementação da Agenda 2030*. São Paulo: FEBAB, 2016. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/libraries-development/documents/sdgs-insert-pt.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

JONES, Eileen. *Bibliotherapy for bereaved children*. London: Jessica Kingsley Publishers, 2001.

LEITE, Ana Cláudia de Oliveira. Biblioteconomia e Biblioterapia: possibilidades de atuação. *Revista da Educação*, v. 12, n. 14, p. 23-37, 2009. Disponível em: <https://seer.pgsskroton.com/educ/article/view/1877>. Acesso em: 15 dez. 2021.

LUCAS, Elaine R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patricia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. *Perspect. Ci. Inf.*, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/bHbjc6YTjmRC3Sq3StWRw8m/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2021.

LEITE, Manuela Bravo; CALDIN, Clarice Fortkamp. Programas de aplicação da Biblioterapia no Reino Unido. *Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends*, v. 11, n. 3, p. 53-65, 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/6846>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MATTEWS, David; LONSDALE, Ray. Children in hospital: II. Reading therapy and children in hospital. *Health Libraries Review*, v. 9, n. 1, p. 14-26, 1992.

MARCINKO, Stephanie. Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals. *Current Studies in Librarianship*, Clarion, v. 13, n. 1/2, p. 1-5, 1989.

OUAKNIN, M. A. *Biblioterapia*. Tradução Nicolás Niymi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PASCOLINI, Donatella; MARIOTTI, Silvio Paolo. Global estimates of visual impairment. *Br J Ophthalmol.*, London, v. 96, n. 5, p. 614-618, 2012. Disponível em: http://www.who.int/blindness/VI_BJO_text.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. *A Biblioterapia em instituições de deficientes visuais: um estudo de caso*. 1989. 318 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1989.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. *Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de DV em bibliotecas públicas*. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

PINHEIRO, Maria Inês da Silva; RAMIRES, Daniela Duarte. Biblioterapia: das dissertações e teses aos cursos de Biblioteconomia no Brasil. *Ci. Inf. Rev.*, Maceió, v. 7, n. 1, p. 153-167, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/8043/7412>. Acesso em: 15 dez. 2021.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. *Transinformação*, Campinas, v.17, n.1, p. 31-43, jan./abr.2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tinf/a/TGh75RBZcCN8nTwF8FBjkkL/?lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2021.

PIZARRO, Daniella Camara. *Entre o saber-fazer e o saber-agir: o que professam os docentes de Biblioteconomia em Santa Catarina*. 2017. 535 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PCIN0167-T.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ROBERTS, Alvin. *Reabilitação psicossocial do cego*. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

SEIXAS, Cristiana Garcez dos Santos. Biblioterapia e educação: sopros de cuidado entre leituras. *Revista Aleph*, n. 34, p. 239-259, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/41444>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SILVA, Ana Mafalda Carvalho. *Biblioterapia aplicada em contexto de saúde mental: um estudo de caso*. 2014. 215 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Documentais) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2014. Disponível em: https://recil.ensinolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/5059/1/DM_AnaMafaldaSilva.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

SOUSA, Carla. Entrevista: Clarice Fortkamp Caldin fala da sua dedicação à Biblioterapia e da importância do tema para a Biblioteconomia. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 23, n. 2, p. 347-353, abr./jul., 2018. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/1502/pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

VALENCIA, Maria Cristina Palhares; MAGALHÃES, Michele Cristina. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 29, n. 1, p. 5-27, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/4585>. Acesso em: 15 dez. 2021.